

Mulheres gaúchas no especial Bah!: identidade e representação¹

Mariana HENRIQUES²

Flavi Ferreira LISBOA FILHO³

Universidade Federal de Santa Maria, RS

Resumo

O presente trabalho busca problematizar a representação da identidade feminina através dos programas televisivos *Bah! Um programa muito gaúcho*, e *Bah! Eu sou do Sul*, apresentados em 20 de setembro de 2013 e 2014, respectivamente, na RBSTV. Esta pesquisa insere-se em um cenário em que a identidade regional é fortemente marcada e masculina. Neste contexto, chama-nos atenção a preponderância feminina na apresentação dos programas analisados, que são transmitidos de dois locais comumente associados à figura do homem, um Centro de Tradições Gaúchas e o Acampamento Farroupilha. Como principal resultado, percebe-se que o programa, ao mesmo tempo em que rompe com a premissa da subordinação feminina, ainda evidencia o estereótipo mais difundido do gaúcho e neste contexto, as mulheres, apresentam traços masculinizados.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Estudos Culturais; Representação; Gauchidade.

Introdução

É inegável a importância da televisão no cotidiano das pessoas e cada vez mais os estudos de comunicação tentam compreender sua complexidade e sua relação de troca no contexto cultural em que atua. Para Squirra (2004), a televisão ainda é o meio mais popular como forma de entretenimento, atualização e obtenção de informações. Segundo dados do censo de 2010, veiculados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), no total das moradias do país, 95,1% dos domicílios possuem televisão, ou seja, em nove de cada dez lares, este aparelho está presente. A partir daí, entende-se que a TV torna-se uma porta-voz da cultura, local onde ela se expressa, se reconhece, se configura e reconfigura permanentemente. Dessa forma, torna-se não apenas o local em que se articulam poderes e

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. Membro do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades. (marianahsm@yahoo.com.br)

Doutor em Ciências da Comunicação (linha: Mídias e processos audiovisuais) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS). Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades. (flavilisboa@gmail.com)

interesses econômicos, mas, também assume papel cultural quando se torna fonte do imaginário social e cenário de representação de identidade.

Sendo a televisão capaz de modificar hábitos, revolucionar a política, provocar alterações culturais e de comportamentos, ela se torna responsável por grandes transformações nos modos de construir identidades culturais. “A televisão constitui hoje, simultaneamente, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 26).

Devido sua ampla abrangência, transita em uma escala que vai do global às pequenas comunidades e é nestas últimas, principalmente, que a televisão pode se tornar porta voz e espaço de reconhecimento, o que garante o êxito das televisões regionais. Em um Estado como o Rio Grande do Sul, em que as questões culturais e de identidade são fortemente valorizadas, as televisões regionais auxiliam na representação e afirmação de uma identidade gaúcha. A partir dessa perspectiva, os programas *Bah! Um programa muito gaúcho* e *Bah! Eu sou do Sul*, apresentados no 20 de setembro de 2013 e 2014, respectivamente, ricos em elementos simbólicos e especificidades da cultura gaúcha, podem revelar intencionalidades políticas, culturais e econômicas, características intrínsecas da mídia televisiva. Além disso, buscam evocar sentimentos de orgulho e pertencimento a um grupo ou a uma comunidade. Produzidos pelo canal de televisão aberta para as comemorações da Revolução Farroupilha, a RBS buscou representar o gaúcho através de suas principais características culturais: a dança, a música, a culinária, as vestimentas e as linguagens.

Chama-nos atenção, porém, a preponderância feminina na apresentação e condução dos programas analisados, que são transmitidos de dois locais comumente associados à figura masculina, do CTG e do Acampamento Farroupilha. Na primeira edição, o especial foi apresentado por Carla Fachim e Shana Müller, e na segunda, por Cristina Ranzolin e Rodaika Dienstbach. As duas edições contaram com a presença de Neto Fagundes como um terceiro apresentador, estando em segundo plano em relação às mulheres.

Com base nisto, valorizando as relações entre comunicação e cultura, a presente pesquisa visa, através dos estudos culturais, aliado ao conceito de identidade e gênero, realizar uma análise descritiva que problematize, através dos programas televisivos *Bah! Um programa muito gaúcho*, e *Bah! Eu sou do Sul*, de que forma as mulheres são

representadas, em um contexto em que a identidade regional é fortemente marcada e masculina.

Estudos culturais e estudos de gênero: breve comentário

Os estudos culturais tem início no final da década de 1950, com os trabalhos de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, e, ao longo dos tempos, foram englobando autores, pensadores e temas diversos. Estes primeiros estudiosos começaram a questionar o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, ordenadas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades (ESCOSTEGUY, 2001). Percebe-se, então, que entre os objetivos dos estudos culturais está a ideia de revelar os discursos marginais, não oficiais, ou daqueles que propriamente não têm voz. Em 1969 se junta ao grupo Stuart Hall, que incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, dos meios de comunicação e das práticas de resistência das subculturas.

Nos anos 1970, incorporam-se aos temas trabalhados pelos estudos culturais, os estudos feministas, com questionamentos referentes à identidade e seu não determinismo apenas por questões culturais, mas também, de gênero. Nesta mesma década, o conceito de gênero começa a ser utilizado como uma forma de diferenciação entre o sexo como algo biológico e o gênero como resultado de construções sociais e culturais. Essa diferenciação era uma forma de enfrentar o determinismo biológico, segundo o qual as características consideradas femininas eram derivadas naturalmente do seu sexo. Esse conceito de gênero é explicado por Schmidt (1994) como sendo um sistema social, cultural, psicológico e literário constituído a partir de ideias, comportamentos, valores e atitudes associadas ao masculino e ao feminino. Essa perspectiva é claramente visível no caso da identidade gaúcha, a partir da criação da figura do peão e da prenda, por exemplo, em que o homem deveria ter determinado comportamento, associado à valentia, coragem e independência, enquanto que a mulher deveria ser delicada, pura, boa mãe e dona de casa.

No contexto latinoamericano, as pesquisas relacionando gêneros e meios de comunicação iniciaram apenas no final dos anos 1960. Entretanto, os primeiros estudos não problematizavam questões relativas ao feminino e utilizavam a categoria gênero somente para indicar a distinção entre os sexos (ESCOSTEGUY, 2001). Atualmente, os estudos que buscam compreender a construção de sentidos da mulher na mídia são, quantitativamente,

mais presentes. Isso também é reflexo do crescente movimento de luta das mulheres no campo social, na busca por igualdades de direitos.

Identidade e gênero no Rio Grande do Sul

O termo identidade, bem como seu conceito, é utilizado e interpretado a partir dos mais variados campos do saber. Ele pode ser entendido a partir de nossa essência genética, o que nos individualiza e nos faz ser únicos, e, ao mesmo tempo, no campo social e antropológico, é o que nos une e nos assemelha aos demais. Neste sentido, compreendemos identidade como um conjunto de características que identificam e servem como forma de reconhecimento de um grupo social.

A identidade hegemônica que temos hoje no Rio Grande do Sul vem se forjando desde a segunda metade do século XIX e, desde então, estudiosos e historiadores tem se ocupado a pesquisar questões relativas à ela. Contribuíram com isto a literatura, a imprensa, a música, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e, recentemente, os diversos suportes midiáticos, com destaque para as televisões locais, que auxiliaram para sua disseminação de uma forma mais abrangente.

A despeito de uma diversidade cultural no Estado, engendrou-se uma figura única do gaúcho que é constantemente evocada para definir o povo do Rio Grande do Sul. Figura esta, predominantemente masculina, que remete ao homem rural, das lidas campeiras, trajado com bota e bombacha e com seu inseparável companheiro, o cavalo. Traz, ainda, a virilidade, a valentia, e o orgulhoso de seus feitos e realizações dos tempos das guerras e revoluções. As mulheres, nessa representação, ficam em segundo plano e, mesmo em situações em que é exaltada como heroína, ela apresenta atributos próprios da figura masculina. Ou seja, no Rio Grande do Sul, os valores, as representações e os significados construídos em torno da cultura regional tomam o masculino como referência.

A imagem do gaúcho contemporâneo está intimamente relacionada à figura difundida pelo MTG, a partir dos anos 1940. Essa figura incorporou-se ao imaginário social, carregando, ao longo das décadas, diversos estereótipos que formaram um sujeito e que, por consequência, forjou uma representação desta identidade, tornando-a hegemônica. Esta imagem relaciona-se a de um povo guerreiro, batalhador, trabalhador, orgulhoso, idealista, viril, com princípios, ética, moral, garra e força. Legado este que teria sido recebido devido a seu histórico de lutas e enfrentamentos, como na Revolução Farroupilha

(1835-45), Guerra do Paraguai (1864), Revolução Federalista (1893-95), Coluna Prestes (1925), Revolução de 30, "Legalidade" em 1961.

Neste sentido, de acordo com Woodward (2000, p.27), a afirmação das identidades é historicamente específica, ou seja, uma das formas pelas quais se estabelecem é por meio do apelo a antecedentes históricos. “Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto [...] passado glorioso, [...] que poderia validar a identidade que reivindicamos”. No caso da gaúcha, essa construção está fortemente relacionada à Revolução Farroupilha, que, em seus dez anos de duração (1835-1845), forneceu vasto material para que fosse moldada a identidade do povo sul-riograndense, pois estes fatos, versões e interpretações, muniram as diversas manifestações culturais que elaboram esta representação, engendrando uma figura quase mítica do gaúcho, fortemente masculinizada, que tinha o homem como sua principal referência. Essa perspectiva pode ser visualizada, por exemplo, em uma imagem que é tida como a “representação do povo gaúcho”, a estátua do Laçador⁴, que busca reproduzir o “autêntico” gaúcho, inspirada em Paixão Côrtes (Figura 1). Esse fato corrobora com o pensamento de Jacobina e Kühner (1998) que afirmam que, desde as primeiras civilizações a história da humanidade é marcada pelos personagens masculinos, que eram guerreiros, heróis e artistas.



Figura 1: Estátua do Laçador
Fonte: Porto Alegre Turismo

Esta figura masculina, dentro do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) é caracterizada pelo peão, que se coloca como protagonista do movimento. Cabe destacar,

⁴ A estátua foi criada em 1954, para a exposição do IV Centenário de fundação da cidade de São Paulo, em que foi realizado um concurso público para a execução de uma escultura que servisse como símbolo de cada Estado. Representando o Rio Grande do Sul, foi criada a estátua do Laçador, inspirada em Paixão Côrtes, folclorista, escritor, compositor e pesquisador gaúcho. A estátua foi definida como Símbolo Oficial de Porto Alegre, em 1992. Atualmente localiza-se no Sítio do Laçador, na avenida dos Estados no bairro São José, na zona norte da cidade próxima ao Aeroporto Salgado Filho. Criada pelo escultor pelotense Antônio Caringi, representa o gaúcho tradicionalmente pilchado.

ainda, que na criação dos primeiros CTGs⁵, as mulheres não eram aceitas nos encontros. Somente após dois anos de existência dos Centros é que algumas mulheres foram convidadas a participar das reuniões tradicionalistas.

Embora as mulheres passassem a ter espaço na estrutura do CTG que se formara, contudo, a entrada no Movimento Tradicionalista já se fez cercada pelos estereótipos do gênero feminino, com funções estipuladas e apropriadas às "características femininas" e com a idéia de que nos espaços masculinos, "a presença da mulher atrapalha". (DUTRA, 2002, p.49).

Tornou-se necessário, desta forma, construir, também, uma figura feminina que representasse o tradicionalismo, dando origem à *prenda*. Essa imagem, de acordo com Dutra (2002), foi criada com base em discursos recorrentes sobre a mulher no Estado, baseado em uma doutrina católica e concepções positivistas, reafirmando uma moral conservadora do movimento. Esta mulher concebida deveria ser pura, ingênua e graciosa. Ou seja, na idealização da *prenda* criaram-se um conjunto de valores que deveriam fazer parte da “essência feminina”, como a delicadeza, beleza, simpatia e recato. “*Prenda* passa a ser a expressão da ‘mulher honesta’, passa a representar a ‘mulher gaúcha’, oficializada como autêntica pelo Tradicionalismo” (DUTRA, 2002, p. 50). Essa imagem considera a existência de características “naturais” do sexo feminino, que estão em oposição às características masculinas, associadas à força, valentia e liberdade, que são representadas na figura do gaúcho.

Junto a isso, foram criados uma série de elementos para dar forma e significado a essas *prendas*, dentre eles, uma espécie de vestimenta, o “vestido de *prenda*”, que representava a sobriedade e beleza da mulher gaúcha. Deveria valorizar seus movimentos, torná-la romântica e “naturalmente” delicada, dependente de um homem forte e independente (DUTRA, 2009). Além disso, o MTG também buscou regulamentar o uso da pilcha – tanto masculina como feminina. Estabeleceu um comprimento adequado, as estampas, tecidos, adornos, decotes, acessórios e maquiagens.

O vestido de *prenda* carrega toda uma simbologia da imagem da mulher idealizada pelo Movimento, uma mulher que traduz na sua "essência" um conjunto de "valores femininos", como a sensibilidade, a cordialidade e a beleza. A *prenda* é a personificação da mulher "enfeite", submissa, porém, portadora de

⁵ O primeiro Centro de Tradições Gaúchas foi o 35 CTG, fundado em 24 de abril de 1948 por Paixão Côrtes e o “Grupo dos Oito”, a partir da criação do Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, no ano anterior.

um grande "destino social", o de "guardião da moral, dos bons costumes e do zelo cívico" (DUTRA, 2002, p.70).

Ou seja, o MTG se apresenta como uma organização que dita comportamentos e práticas adequadas, ensinando como ser homem ou mulher, qual seu lugar de fala e o que é permitido a cada um. De acordo com Pacheco (2003), o movimento, desde a sua criação, dita, de forma hierárquica, os lugares destinados às mulheres e aos homens no tradicionalismo. Aos homens, cabia o ambiente campeiro, do galpão da estância, como uma espécie de "clube masculino". De acordo com Lessa (1984, p. 111), o galpão vai além de uma simples construção:

[...] queremos enfatizar toda uma gama de relações desenvolvidas em torno do núcleo galponeiro [...]. Além de morada dos peões (necessariamente solteiros), depósito de implementos e algo assim como um clube masculino para horas de descanso, o galpão também possuía essa estranha característica de albergue de viajantes humildes. A família do estanceiro, as moças da casa-grande, jamais desciam ao nível de um galpão.

Por outro lado, às mulheres cabiam atividades mais privadas, como as domésticas, artesanais e de culinária. Mesmo que com mais espaço no MTG, ainda ficam com um papel secundário e subalterno, aguardando, auxiliando e cooperando com o homem. São boas mães, esposas, donas de casa e educadoras. Aos homens cabe estar à frente, coordenando todas as atividades.

As mulheres gaúchas nos especiais *Bah!*

Os estudos culturais compreendem que os meios de comunicação de massa, como produtos culturais, agem de forma dinâmica e ativa na construção e consolidação de identidades e estabilidade social. Neste sentido, Hall (2003) afirma que quando as práticas de significação começam a ser investigadas, ocorre uma mudança nas análises dos *media*, ou seja, compreende-se que o discurso televisivo não é neutro, já que está intimamente relacionado às estruturas de produção de sentido. Dessa forma, compreendemos, então, que os especiais *Bah!* inserem-se em lógicas econômicas, políticas e sociais, sendo o seu discurso permeado por intencionalidades de quem o produz.

Ainda assim, a mídia televisiva, para os estudos culturais, corresponde a um dos principais locais através dos quais a cultura circula e é produzida. Com base nisso, Rocha (2011, p.10) afirma que "[...] estudar a televisão não significa simplesmente dedicar-se

àquilo que ela transmite, mas, de forma específica, significa atentar-se para o próprio processo pelo qual os conteúdos se realizam no fluxo televisivo”. Neste contexto, as televisões regionais entram como importante centro de afirmação e reforço das identidades locais. Segundo Hall (2001), a televisão tem um papel central na construção e reconstrução de identidades, já que reúne uma diversidade de formas e símbolos culturais na sua programação e na interação com o público.

Para Hinerasky (2005), as emissoras regionais, através de sua programação, servem como um ambiente de reconhecimento e identificação para as populações das regiões em que operam, já que refletem e representam as imagens desses grupos. Sendo a primeira e uma das principais afiliadas da Rede Globo, a RBS TV desempenha a função de potencializar a regionalização, com programações voltadas ao público do Estado, trazendo elementos culturais de fácil reconhecimento e identificação.

No dia 20 de setembro de 2013, dia em que se celebra a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, a RBS TV transmitiu, ao vivo, como forma de comemoração à data, o especial *Bah! Um Programa Muito Gaúcho*. O programa, transmitido para todo o Estado, no tradicional horário da Sessão da Tarde⁶, reuniu música, dança, culinária, além de reportagens sobre temas relacionados ao tradicionalismo. Com quase duas horas de duração, o especial se passou em dois locais: o Centro de Tradições Gaúchas - CTG Rancho da Saudade, em Cachoeirinha, com a apresentação de Shana Müller e a jornalista e apresentadora da RBS TV, Carla Fachim. O segundo local foi o Acampamento Farroupilha de Porto Alegre. Lá, o apresentador do programa *Galpão Crioulo*⁷, Neto Fagundes recebeu, em uma roda de chimarrão, diversos convidados.

No ano seguinte, em 20 de setembro de 2014, uma nova edição do programa foi ao ar. Desta vez no horário da programação local da própria emissora, durante o programa *Patrola*⁸, *Jornal do Almoço*⁹ e *Globo Esporte*¹⁰. Agora com o nome de *Bah! Eu sou do Sul*, a proposta foi semelhante à primeira edição: buscar através de suas atrações e linguagens, representar uma identidade gaúcha, utilizando de elementos que sejam de fácil

⁶ Por ser afiliada da Rede Globo, a RBS TV transmite parte da programação nacional da emissora. Entre elas, a Sessão da Tarde, que é uma sessão de filmes exibida de segunda a sexta-feira, nas tardes da emissora desde o dia 11 de março de 1974. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/marketing/globo-muda-identidade-visual-da-sessao-da-tarde/80733/>> Acesso em: 22 out. 2013.

⁷ Exibido na RBSTV desde 1982, o Galpão Crioulo é um dos mais antigos programas televisivos voltado para aspectos da cultura gaúcha, principalmente, os relacionados à música regional.

⁸ Exibido desde 1999, pela RBS TV, o Patrola é um programa de voltado ao público jovem. Entre seus temas principais estão comportamento, redes sociais, esportes, música e humor.

⁹ Telejornal transmitido, ao meio dia, pela RBSTV desde 1972

¹⁰ Telejornal esportivo exibido pela Rede Globo desde 14 de agosto de 1978, o primeiro bloco era reservado às notícias locais. Desde 2011 passou a ter edições totalmente locais.

reconhecimento por grande parte da população. Também com quase duas horas de duração, o programa foi transmitido totalmente do Acampamento Farroupilha de Porto Alegre, com a apresentação de Cristina Ranzolin, Rodaika Dienstbach e, novamente, Neto Fagundes.

Destaca-se, em um primeiro momento, a escolha dos apresentadores do especial e, em relação a isto, a preponderância feminina. Neto Fagundes, nas duas edições, aparece como um terceiro apresentador, estando em segundo plano em relação a elas, que comandam a maior parte dos programas. A figura de Neto já dá sinais de certa abertura em relação aos costumes gaúchos mais tradicionais. Neto, de acordo com Lisboa Filho (2009), através de sua imagem dinâmica e jovial, seu tom de voz e sorriso sempre presente, dá mostras do que está sendo feito e construído em termos de (re)adequações da cultura gaúcha através de suas vestimentas, como o uso da bombacha castelhana, e readaptações de músicas gaúchas para outros ritmos.

Junto a Neto Fagundes, na primeira edição do programa *Bah!*, está Shana Müller, cantora tradicionalista e também a primeira mulher a apresentar o *Galpão Crioulo*. Essa participação, de acordo com Bortoluzzi et al. (2013, p.7) “representa a ação da atual mulher gaúcha, que busca autonomia enquanto sujeito social”. Elementos de fácil reconhecimento no contexto tradicionalista são utilizados em ambos os programas, como forma de gerar familiaridade e credibilidade com o público, legitimando a nova atração e dando a ela os componentes mais difundidos da identidade gaúcha hegemônica.

Carla Fachim, por sua vez, destoa dos anteriores. Tem sua trajetória ligada a programas de notícias da RBSTV, mais distante do meio tradicionalista. Há mais de 18 anos na rede, sua participação também dá credibilidade ao especial, trazendo, porém, uma perspectiva nova, mais contemporânea na representação da identidade gaúcha.

Na segunda edição de *Bah!*, ambas as apresentadoras são distantes do meio tradicionalista, porém, têm uma imagem forte e representativa na condução de seus programas. Cristina Ranzolin é uma das principais apresentadoras da RBSTV, sendo âncora do Jornal do Almoço desde 1996. Sua imagem e nome já são reconhecidos no meio, o que facilita com que *Bah! Eu sou do Sul*, seja aceito pelo público. Rodaika Dienstbach insere-se no programa na tentativa de atrair uma audiência mais jovem, já que tem sua imagem intimamente relacionada a este público. Na emissora, apresenta o programa *Patrola*, lidera

as coberturas do Planeta Atlântida¹¹ e participa em programas de rádio com dicas de moda, beleza e comportamento feminino.

Ainda, chama a atenção os locais em que os especiais foram transmitidos: um CTG e o Acampamento Farroupilha. Ambos comumente associados à figura masculina. Os cenários do programa são rústicos, remetendo aos galpões de estâncias, espaço importante onde a vida rural acontece e que podem ser observados tanto no CTG Rancho da Saudade, como no Acampamento Farroupilha, que utilizam de rodas de carretas, bancos baixos feitos de tocos de madeira, pelegos e lampiões em sua decoração, conforme Figuras 2 e 3.



Figura 2: CTG Rancho da Saudade
Fonte: Bah! Um programa muito gaúcho



Figura 3: Acampamento Farroupilha
Fonte: Bah! Eu sou do Sul

Cabe destacar, também, que na primeira edição do programa Shana Müller e Carla Fachim apresentavam-no apenas do CTG. Já na segunda edição, o especial passa a ser transmitido só do Acampamento Farroupilha, que agora tem Cristina Ranzolin e Rodaika Dienstbach como as âncoras. Podemos relacionar a presença das apresentadoras neste ambiente masculino com a crescente participação e aceitação das mulheres no mercado de trabalho, nos postos de comando, nos espaços públicos e na esfera política. Esses locais que anteriormente eram associados ao homem, em que a presença feminina era desvalorizada e, por vezes, não aceita, passaram por grandes transformações – que são percebidas, também, no contexto cultural gaúcho.

Outro elemento que merece destaque são os trajes utilizados já que, de acordo com Betta (2010), as vestimentas são a imagem daquilo que se quer representar. No caso das apresentadoras, nenhuma delas, utiliza o tradicional vestido de prenda. Mais próximo a isto, na primeira edição Shana Müller usa um traje característico da mulher do peão das vacarias

¹¹ O Planeta Atlântida é um festival de música anual pelo Grupo RBS. Teve sua primeira edição em 1996, no Rio Grande do Sul. Em 1998 passou a ser realizado, também, em Santa Catarina.

(1950-1820) (LISBOA FILHO, 2009), composto de uma saia escura e blusa em tom claro (Figura 4). Mesmo que destoe das vestes tidas como típicas da mulher, pelo MTG, são mantidas referências que remetem ao vestido de prenda. Já a jornalista Carla Fachim, utiliza elementos da indumentária masculina, veste uma calça e colete marrons, com uma camisa e lenço no pescoço, o que poderia ser considerada uma versão moderna, urbana e feminina do típico traje masculino (Figura 5).



Figura 4: Vestimentas Shana Müller
 Fonte: Bah! Um programa muito gaúcho



Figura 5: Vestimentas Carla Fachim
 Fonte: Bah! Um programa muito gaúcho

Este mesmo padrão de vestimentas é utilizado na segunda edição, por Cristina Ranzolin (Figura 6), que veste uma camisa branca com colete marrom e lenço no pescoço, também remetendo aos trajes masculinos. Completando esta veste, usa calça *jeans* justa com uma bota, trazendo elementos mais contemporâneos ao vestuário tradicional do gaúcho.

Rodaika Dienstbach está vestida com calça *jeans*, blusa preta, e diversos acessórios como colares e anéis, suas vestimentas são as que mais se diferem do que é considerado típico gaúcho. O elemento que, em sua roupa, faz referência aos trajes gaúchos é a utilização de um xale estampado e com franjas (Figura 6).



Figura 6: Vestimentas Rodaika e Cristina Ranzolin
 Fonte: Bah! Eu sou do Sul

Para Bortoluzzi et al. (2013) o uso das indumentárias associadas a figura do homem indica uma busca pela sensação de poder, confiança e segurança relacionadas à figura do sexo oposto. Ou seja, a partir da utilização desses elementos, procura-se minimizar as diferenças existentes entre os sexos, em um contexto de dominação da figura masculina. Esta tarefa torna-se mais fácil quando da utilização de apresentadoras já consagradas na emissora para conduzir os especiais, já que cada uma, em seus respectivos programas, ocupa uma função de destaque, que apenas foi transferida para os especiais, acrescidos de elementos que remetem à cultura gaúcha mais tradicionalista.

Neste sentido, apesar dos visíveis elementos que remetem a uma identidade hegemônica, reforçando alguns costumes já associados ao gaúcho, nota-se, também, a presença de componentes mais contemporâneos, que a atualizam. É evidente que não podemos pensá-la como fixa e imutável e essas transformações sofridas ao longo do tempo são resultados de mudanças sociais, políticas e econômicas. Se por muito tempo a mulher foi preterida, hoje essa perspectiva não é mais aceita, já que, cada vez mais, ganham voz e espaço nos mais variados campos da sociedade, sendo através de movimentos sociais ou políticas voltadas a elas. Isso não é diferente em um espaço tradicionalista e conservador como o CTG. As mulheres, mesmo que já participantes dos Centros, somente a partir dos anos 1990 começaram a assumir posições de liderança em entidades tradicionalistas e, ainda nos dias atuais, essas posições são questionadas, como no caso do CTG Porteira Aberta, de São Miguel D'Oeste, em Santa Catarina¹². Tendo a mídia grande papel como

¹² Em 2007 uma chapa só de mulheres foi eleita para a diretoria do CTG Porteira Aberta, de São Miguel D'Oeste, entretanto, a posse não foi dada às vencedoras, que precisaram entrar na justiça para assegurar o direito de assumir a chefia. O primeiro juiz a avaliar o caso concordou que elas não deveriam assumir. Somente três meses após as eleições, outro juiz mudou a decisão,

meio de obter informações, atualizações, e como porta voz de -alguns- discursos sociais, ao trazer quatro mulheres como apresentadoras dos programas busca romper com uma hegemonia masculina, dar voz e visibilidade a elas, o que funciona como uma atualização das imagens associadas ao meio tradicionalista e dá força para que esses novos posicionamentos e a presença da mulher nesses meios sejam melhores aceitos.

Considerações Finais

Os especiais *Bah! Um programa muito gaúcho* e *Bah! Eu sou do Sul*, foram criados para a comemoração do 20 de setembro, data em que se celebra a Revolução Farroupilha. Este enfrentamento ajudou a moldar algumas das principais características ditas da identidade gaúcha. O gaúcho deveria ser bravo, viril, corajoso, estar sempre pronto para a batalha. Às mulheres, caberia ficar na sombra das conquistas. Essa perspectiva, que já subjuga a mulher há muitos séculos, foi sendo reforçada pelo MTG, que estabeleceu normas, valores e comportamentos a serem seguidos por homens e mulheres, dos quais, muitos permanecem até hoje, legitimados nas figuras do peão e da prenda.

Porém, ao colocar quatro mulheres para apresentar os especiais, rompe-se com a ideia da submissão feminina e atualiza-se a imagem da mulher gaúcha frente a uma identidade, mesmo que com traços masculinos. Por outro lado, essas mulheres contemporâneas precisam reafirmar uma imagem de segurança, fortaleza, independência, proatividade, características que remetiam à figura do homem. Imagem esta, já distante da idealizada figura da prenda.

Neste sentido, nos parece que os especiais *Bah!*, ao mesmo tempo em que buscam fortalecer uma identidade hegemônica, a partir de cenários, convidados, e alguns figurinos, abrem espaços para elementos contemporâneos, que se mesclam ao tradicional. As figuras das apresentadoras são o exemplo disto, que, em meio a um contexto tradicionalista, emergem como mulheres urbanas, independentes e capazes de comandar o “clube masculino”, dentro de um galpão.

Referências bibliográficas

- BETTA, Edinéia Pereira da Silva. **Gauchismo no Vale Europeu**. Blumenau: Nova Letra, 2010.
- BORTOLUZZI, Cristiane Greiwe. et al. Do tradicional à customização: a representação feminina do programa televisivo Galpão Crioulo. In: VI Encuentro Panamericano de Comunicacion, 2013, Córdoba. **Anais**. Córdoba: CONAPAM, 2013. Disponível em: <<http://www.eci.unc.edu.ar/archivos/companam/ponencias/Producci%C3%B3n%20discursiva/-Unlicensed-Producci%C3%B3n-discursiva-y-medios-de-comunicaci%C3%B3n.-Bortoluzzi.pdf>> Acesso em: 17 de abril de 2015.
- DUTRA, Cláudia P. **A prenda no imaginário tradicionalista**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HINERASKY, Daniela Aline. A produção de teledramaturgia regional: um estudo sobre a identidade cultural nas séries de ficção da RBS TV. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**. São Bernardo do Campo v. 2, n. 3, jan/jun 2005. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/artigo_producao.pdf> Acesso em: 16 de out. 2013.
- IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 de jun. 2014.
- JACOBINA, Eloá; KÜHNER, Maria Helena (Orgs). **Feminino / masculino: no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Grande do Sul: Prazer em Conhecê-lo**. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1984.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia Regional: gauchidade e formato televisual no Galpão Crioulo**. 2009. 236 p. Tese, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004.
- PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3707/000391493.pdf?sequence=1>> Acesso em 02 de abril de 2015.
- ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v.10, n.19, 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/animus/article/view/3000>> Acesso em: 05 de jul de 2014.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.